



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, ADOLESCÊNCIA E SUICÍDIO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS CONHECIMENTOS COMPARTILHADOS PELAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS DE CONVERSAÇÃO

*Antonella Barbosa Paroschi Corrêa¹ Julia Aparecida Ferreira Trigo² Marília da Mata Silva³
Catherine Menegaldi Silva⁴*

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR.

² Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR

³ Coorientadora, Doutoranda em Promoção da Saúde, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. marilia.silva@unicesumar.edu.br

⁴ Orientadora, Doutora em Promoção da Saúde, Docente do Programa de Pós Graduação Gestão do Conhecimento nas

Organizações, UNICESUMAR. Pesquisadora e bolsista do Instituto Cesumar de Ciência, tecnologia e inovação – ICETI.

catherine.silva@unicesumar.edu.br

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender o funcionamento de diferentes inteligências artificiais de conversação quando questionadas sobre a temática do suicídio, buscando identificar padrões, semelhanças, divergências e lacunas entre as respostas fornecidas. Trata-se de um estudo de abordagem netnográfica, descritiva e exploratória, com recorte transversal, realizado a partir da comparação entre quatro plataformas de inteligência artificial: ChatGPT, Copilot, Gemini e Grok. Para a coleta de dados será elaborado um roteiro em formato dialogado, simulando interações entre usuário e IA contemplando temas relacionados à saúde mental, como adolescência, relações afetivas, sociabilidade, pensamento desorganizado e ideação suicida. As respostas serão registradas, organizadas e analisadas com base em princípios de análise de conteúdo, de modo a identificar a consistência, a qualidade e as limitações apresentadas por cada sistema frente aos mesmos estímulos. A escolha por investigar a temática justifica-se pela relevância social e científica de compreender como tais ferramentas se comportam diante de conteúdos sensíveis, considerando o aumento da procura por tecnologias digitais como forma de apoio ou informação em saúde mental. Espera-se que os resultados obtidos ampliem o debate sobre o uso responsável da inteligência artificial em contextos delicados, contribuam para reflexões éticas e técnicas, além de fornecer subsídios para o aprimoramento dessas plataformas. Ademais, os achados poderão auxiliar no desenvolvimento de políticas públicas e estratégias de prevenção, colaborando para a construção de ferramentas mais seguras e sensíveis às demandas de usuários em situações de sofrimento psíquico.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Inteligência artificial; Suicídio.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um período marcado pela busca da identidade e ânsia de se encaixar e ser compreendido, assim, segundo Costa (2025), a forma como o adolescente se comporta não depende apenas de estruturas cognitivas ou psíquicas, ou de questões relacionadas à sexualidade, mas do meio sócio-histórico em que esse indivíduo está inserido. Sendo assim, durante essa fase, o sujeito enfrenta desequilíbrios e crises, e se é vivido um lento e doloroso luto pela perda da infância e por tudo que ela representa, como aponta Aberastury (1981). A autora postula também que a transição do corpo infantil para o corpo adulto traz consigo representações de alteração identitária, necessitando então de uma nova ideologia que possibilite sua existência no mundo. Também aponta que a construção desse novo “eu” se baseia em modelos de adultos que o jovem decide se quer ou não seguir, além de que o luto por quem já se foi e a busca por quem será são, dentro das famílias, diversas vezes encarados como patológicos, e, portanto, a convivência entre os pais e o adolescente é prejudicada, o que leva o jovem a sentir-se só e desamparado.

A interação humana é fundamental para o desenvolvimento e humanização do sujeito, considerando isso, Piaget (2006) aponta que a obtenção de novas maneiras de pensamento acontece como consequência do pensamento concreto da segunda infância, dessa forma, entende-se que o desenvolvimento humano é progressivo, e se dá



principalmente a partir do contato com agentes mediadores. Araújo (2024) aponta que a capacidade reflexiva e a função simbólica são aprendidas, e não inatas, isso significa que tais capacidades dependem do contato com outro ser humano que possua ligação afetiva. Retomando a ideia de que, durante a síndrome normal da adolescência e a busca constante pela reconstrução da identidade os adolescentes são vistos como “problemáticos” dentro da sociedade, cria-se a dificuldade de vinculação afetiva, estabelecendo-se barreiras entre o indivíduo em desenvolvimento e o meio em que ele vive.

A partir do advento tecnológico, as redes sociais tornaram-se intrínsecas à atividade social humana e parte fundamental da rotina e do funcionamento individual e coletivo. Dias et. al (2019, p.2), coloca as redes sociais atualmente como “um espaço de afirmação subjetiva” para os adolescentes. Dessa forma, como fuga da confusão mental gerada pela adolescência e busca pela compreensão e validação de terceiros, o adolescente se mostra vulnerável e exposto a riscos no ambiente virtual. Ademais, Costa (2025) aponta a ocorrência das IA’s na contemporaneidade e relaciona esse fenômeno com a adolescência e comportamentos entendidos como dependência virtual nessa faixa etária, sendo que, o acesso a inteligências artificiais de conversação cresceu à medida que essa integração deixou de funcionar como assistência funcional às plataformas, e passou a existir como ferramenta de bate papo, mediadora de vínculos e apoio emocional, segundo o autor.

Os fundamentos da inteligência artificial, segundo Russel e Norvig (2013), são 4: a filosofia; a matemática; a economia e a neurociência, enfatizaremos o último fundamento. Os autores esclarecem que a IA utiliza-se das evidências da neurofisiologia em seus modelos computacionais, assim, a ciência cognitivista agrega componentes computacionais das IA’s a métodos da psicologia experimental a fim de elaborar processos referentes ao funcionamento da neurofisiologia humana. Portanto, entende-se que a inteligência artificial é programada para atingir seu público-alvo, os humanos, da melhor forma e, isso, junto ao cenário de vulnerabilidade que um adolescente vive e sua crescente procura pelo virtual torna-se necessário investigar como esses sistemas respondem a demandas de saúde mental, em especial, a conteúdo relacionado ao suicídio.

No que se refere aos objetivos gerais da presente pesquisa, consiste em compreender os conhecimentos compartilhados pelas IA’s quando questionadas sobre a temática de suicídio, identificando seus padrões, semelhanças, divergências e lacunas entre as plataformas, e projetar de que modo suas respostas influenciam na vida e na tomada de decisões do adolescente. Quanto aos objetivos específicos, será elaborado um roteiro dialogado, registraremos e organizaremos as respostas obtidas e as compararemos a fim de promover a reflexão sobre as potencialidades e limitações do uso das inteligências artificiais de conversação na temática já apresentada.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa adota uma abordagem etnográfica, descritiva e exploratória, com recorte transversal, dessa forma o estudo será realizado a partir da comparação do funcionamento das inteligências artificiais de chatbot: ChatGPT, Copilot, Gemini e Grok, quando o tema suicídio é abordado por seus usuários.

Para coleta de dados será elaborado um roteiro em formato dialogado, de forma a simular uma conversa entre usuário e IA, com assuntos referentes a saúde mental, tendo como principais conteúdos indagados a adolescência, as relações afetivas, a sociabilidade, o pensamento desorganizado e a ideação suicida.

Na análise de dados será realizada uma busca por padrões, semelhanças, divergências e lacunas nas respostas fornecidas pelas diferentes inteligências artificiais, realizando o comparativo de cada plataforma frente ao mesmo estímulo.



No tratamento de dados, será utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2016), que se estrutura em três etapas principais: a pré-análise; a exploração do material e o tratamento de resultados, sendo que essa técnica foi escolhida pois ela permitirá organizar e interpretar as informações de forma sistemática, favorecendo a construção de categorias que poderão orientar a discussão dos achados junto aos objetivos da pesquisa.

Considerando que a pesquisa não envolve seres humanos e organismos vivos, sendo aplicada exclusivamente em sistemas artificiais, não há a identificação de riscos éticos diretos, no entanto, por se tratar de temática sensível, as respostas serão analisadas de forma crítica, evitando sua reprodução literal em contextos que possam induzir risco ou desencadear sofrimento.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente pesquisa tem como expectativa identificar os padrões entre as respostas das diferentes inteligências artificiais quando são abordadas a respeito do tema de sofrimento psíquico junto a falas que remetem a ideação suicida, além de conferir se houve ou não encaminhamento adequado para a busca de ajuda profissional frente a tais comportamentos de risco, e identificar em quais pontos houveram falhas nas respostas, apresentando em quais aspectos as IA's não são capazes de responder satisfatoriamente.

Além do mais, destacaremos as diferenças significativas entre as diferentes plataformas (ChatGPT, Copilot, Gemini e Grok), bem como suas diferentes formas de lidar com adolescentes em risco de suicídio e as respostas que darão a eles, e se irão ou não detectar o comportamento de risco. Serão mapeadas suas diferentes forças e limitações, e projetaremos como essas limitações podem impactar os adolescentes que buscam apoio real nessas ferramentas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha por investigar as respostas de diferentes inteligências artificiais de chatbot diante da temática do suicídio se justifica pela relevância social e científica de compreender como essas ferramentas se comportam quando tem de lidar com assuntos referentes a saúde mental, sendo que é possível observar um aumento na procura dos usuários por essas tecnologias como uma forma de buscar apoio e/ou informação, dessa forma, torna-se fundamental avaliar a consistência, a qualidade e a limitação das respostas fornecidas por essas plataformas.

Assim, a análise de dados que esta pesquisa irá realizar, contribuirá fortemente para a ampliação do debate quanto ao uso responsável da inteligência artificial em contextos sensíveis, considerando que, ao problematizar as potencialidade e fragilidades das respostas geradas, abre-se espaço para uma compreensão mais crítica do papel da tecnologia no dia a dia do adolescente, especialmente no que se refere ao sofrimento psíquico.

Dessa forma o estudo reforça a necessidade de desenvolver estratégias de aprimoramento técnico, normativo e político, capazes de garantir maior segurança e cuidado no uso dessas ferramentas digitais. Ao esclarecer aspectos que podem tanto favorecer quanto comprometer a saúde pública, este trabalho se insere como uma contribuição relevante para a promoção de práticas mais responsáveis que conciliem inovação tecnológica com o compromisso ético e social de proteção à vida.



REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arnaldo; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ARAÚJO, Ceres Alves de. A inteligência artificial e o desenvolvimento neuropsicológico de crianças e adolescentes. **Self: Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, São Paulo, v. 9, 2024. DOI: <https://doi.org/10.21901/2448-3060/self-2024.vol09.197>.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

COSTA, Rogério Melo de Sena. **Interação de adolescentes do ensino médio com a inteligência artificial em aplicativos móveis e sua relação com o nível de adesão a valores sociomoraís**. Orientadora: Patrícia Unger Raphael Bataglia. 2025. 215 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2025.

DIAS, Vanina Costa; VIOLA, Daniela Teixeira Dutra; GOMES, Patricia da Silva; LIMA, Nadia Laguardia de; KELLES, Natalia Fernandes; SILVA, Candida Rosa da. A importância da avaliação neuropsicológica no contexto escolar: contribuições para o processo de aprendizagem. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 39, e179048, p. 1–15, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003179048>. DOI: 10.1590/1982-3703003179048.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio De Janeiro: Forense Universitária, 2006.

RUSSELL, Stuart J.; NORVIG, Peter. **Inteligência artificial**. Tradução de Regina Célia Simili. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.